

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL NA ÁREA DA SAÚDE: ENFERMAGEM**

**PERFIL SOCIOECONÔMICO E DEMOGRÁFICO
DOS PROFESSORES DE UM CURSO DE TÉCNICO DE
ENFERMAGEM DE BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS**

Roberta Maria de Jesus

Confins
2012

Roberta Maria de Jesus

**PERFIL SOCIOECONÔMICO E DEMOGRÁFICO
DOS PROFESSORES DE UM CURSO DE TÉCNICO DE
ENFERMAGEM DE BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área da Saúde: Enfermagem – CEFPEPE, da Universidade Federal de Minas Gerais, Polo Confins, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª Miguir Terezinha Vieccelli Donoso

Confins
2012

J58p Jesus, Roberta Maria de.
Perfil sócioeconômico e demográfico dos professores de um curso técnico de Enfermagem de Belo Horizonte, MG [manuscrito]. / Roberta Maria de Jesus. – Confins: 2012.
42f. : il.

Orientadora: Miguir Terezinha Vieccelli Donoso.
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem (CEFPEPE) da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de Especialista.

1. Educação em Enfermagem. 2. Docentes de Enfermagem. 3. Dissertações Acadêmicas. I. Donoso, Miguir Terezinha Vieccelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título

NLM: WI 100.4

Roberta Maria de Jesus

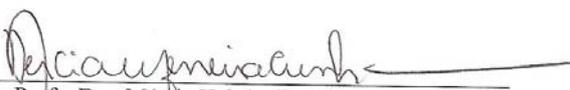
**PERFIL SOCIOECONÔMICO E DEMOGRÁFICO
DOS PROFESSORES DE UM CURSO DE TÉCNICO DE
ENFERMAGEM DE BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS**

Trabalho apresentado ao Curso de
Especialização em Formação Pedagógica em
Educação Profissional na Área da Saúde:
Enfermagem – CEFPEPE, da Universidade
Federal de Minas Gerais. Polo Confins.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Miguir Terezinha Viacelli Donoso (Orientador)



Prof. Dra. Mérica Heloisa Ferreira Cunha

Data de aprovação: 04/02/2012

AGRADECIMENTOS

A Deus que me abençoa todos os dias com seu amor incondicional e sua luz que ilumina o meu caminho, dando-me forças para acreditar que tudo é possível quando temos o Senhor Jesus em nossa vida.

À minha mãe maravilhosa que está sempre ao meu lado acompanhando minhas dificuldades e vitórias. Obrigada por ser essa mulher forte e determinada.

À tia Maria pelo carinho, incentivo e compreensão.

Ao meu namorado Rodrigo pelo seu amor, dedicação, carinho, parceria, paciência e amizade. Obrigada por compreender os momentos de impaciência e falta de tempo.

Ao grupo de oração João XXIII, por todas as orações e em especial à Rita e minha madrinha Fátima.

À professora Eline Lima Borges por compartilhar seus conhecimentos e me ensinar a construir minha própria ciência para o caminho da docência.

A Marden Cardoso Miranda Hott pelo seu incentivo, carinho e ensinamentos durante todo este curso.

À minha orientadora Miguir Terezinha Vieccelli Donoso pelos ensinamentos compartilhados, a sua paciência, carinho, parceria e incentivo.

Às amigas e companheiras Tauana e Renatinha pela amizade e carinho.

Às minhas amigas que torcem por minhas conquistas e compreendem minha ausência em muitos encontros.

Às minhas colegas de curso por dividirmos momentos tão especiais, sejam virtuais ou presenciais.

À direção da Escola Técnica pela oportunidade concedida de desenvolver esta pesquisa.

A todas as pessoas que acreditaram e contribuíram para a conclusão deste curso.

“Não há docência sem discência, ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes do educando, criticidade, estética e ética. Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. Risco de aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Ensinar não é transferir conhecimento, exige consciência do inacabado, bom senso, alegria e esperança. Ensinar exige apreensão da realidade, curiosidade e a convicção de que a mudança é possível. Ensinar é uma especificidade humana, exige segurança, competência profissional e generosidade, exige comprometimento, liberdade e autoridade. Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica e exige querer bem ao educando e compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.”

(Paulo Freire, 1996)

RESUMO

O enfermeiro, nos dias atuais, vem buscando novos campos de atuação. Dentre esses, a área da docência vem sendo exercida com maior abrangência, uma vez que o mercado de trabalho ainda é satisfatório. Contudo, o enfermeiro precisa adquirir conhecimentos específicos para atuar na docência, contribuindo para a formação de alunos críticos, reflexivos e inovadores. Percebe-se que não há preparo suficiente para o exercício da docência durante os cursos de graduação em Enfermagem. Para que se invista no docente, faz-se necessário inicialmente identificar seu perfil, reconhecendo, entre outros aspectos, as fragilidades que podem interferir no ato de lecionar. Dessa forma, o presente estudo visou identificar o perfil dos docentes de uma escola técnica de enfermagem de Belo Horizonte. Foi realizado um estudo descritivo de abordagem quantitativa transversal, usando como variáveis de estudo: sexo, religião, estado civil, idade, número de filhos, grau de escolaridade, formação profissional, experiências profissionais, vínculos empregatícios, jornada de trabalho, renda mensal, disciplinas ministradas, trabalho e tempo de exercício na docência. Este estudo permitiu concluir que 45,5% dos enfermeiros que atuam como docentes do curso técnico de enfermagem tinham jornada dupla de trabalho, recebem de dois a quatro salários mínimos e não possuem formação em licenciatura ou pedagogia, o que pode ser considerado um fator dificultador para a docência em enfermagem, visto que, educar não é somente transmitir conhecimento, mas propiciar uma formação educativa crítica, reflexiva, inovadora e transformadora.

Descritores: Educação em Enfermagem. Docentes de Enfermagem. Escolas de Enfermagem e Pesquisa em Enfermagem.

ABSTRACT

The nurse, nowadays, is looking for new fields of endeavor. Among these, the area of teaching has been broadly practiced, as job market is still satisfactory. However, the nurse needs to acquire expertise to work in teaching, contributing to the training of critical, reflective and innovative students. It is perceived that there is no sufficient preparation for teaching in undergraduate courses in nursing. To invest in teaching, it is necessary first to identify his/her profile, recognizing, among other aspects, the weaknesses that may interfere with the act of teaching. Thus, this study aimed to identify the teachers' profile of a technical nursing school of Belo Horizonte. A descriptive study of transverse quantitative approach was conducted, using as study variables: gender, religion, marital status, age, number of children, degree of schooling, professional formation, professional experience, employee links, working hours, monthly income, disciplines taught, working and teaching time. This study showed that 45.5% of nurses who work as teachers in a nursing technical course had dual journey of work, earning two to four minimum salaries, and do not have undergraduate neither on training nor education, which can be considered a complicating factor for teaching nursing, considering that educating is not only transmitting knowledge, but provide a critical reflective, innovative and transformative educational training.

Keywords: Nursing Education. Nursing Professors. Nursing Schools and Research.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 – Graduação em Enfermagem dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	22
GRÁFICO 2 – Tempo de formado dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	22
GRÁFICO 3 – Vínculos empregatícios dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	25
GRÁFICO 4 – Número de vínculos empregatícios dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	25
GRÁFICO 5 – Jornada de trabalho semanal dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	26
GRÁFICO 6 – Carga horária docente semanal dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	27
GRÁFICO 7 – Escolha/oportunidade da atividade docente dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	28

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Gênero dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	20
TABELA 2 – Faixa etária dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	20
TABELA 3 – Estado civil dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	21
TABELA 4 – Número de filhos dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	21
TABELA 5 – Escolaridade dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	21
TABELA 6 – Especialização CEFPEPE dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	23
TABELA 7 – Pós-graduação <i>latu sensu</i> dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	23
TABELA 8 – Pós-graduação <i>stricto sensu</i> dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	23
TABELA 9 – Experiências profissionais em serviço de Saúde dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	24
TABELA 10 – Experiências profissionais em instituição de ensino dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	24
TABELA 11 – Renda mensal dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	27
TABELA 12 – Tempo de exercício da docência dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.....	28

LISTA DE SIGLAS

ABEn – Associação Brasileira de Enfermagem

CEFPEPE – Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem

COEP – Comitê de Ética e Pesquisa

COREn – Conselho Regional de Enfermagem de Minas Gerais

DNSP – Departamento Nacional de Saúde Pública

EEAN – Escola de Enfermagem Anna Nery

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LEP – Lei do Exercício Profissional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PROFAE – Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores na Área da Enfermagem

SM – Salário Mínimo

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UAB – Universidade Aberta do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVO	15
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
4 PERCURSO METODOLÓGICO	18
4.1 Método	18
4.2 Cenário do Estudo	18
4.3 População e Amostra.....	18
4.3 Coleta de dados	19
4.4 Análise dos dados.....	19
4.5 Aspectos Éticos.....	19
5 DISCUSSÃO	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE.....	35
ANEXOS	38

1 INTRODUÇÃO

Desde a fundação das primeiras Santas Casas, a enfermagem era exercida por irmãs de caridade e leigos, tendo um caráter literalmente prático. A primeira escola de enfermagem criada no Brasil foi a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, em 1890 (MEDEIROS, *et al.*, 1999).

Em 1923, a organização do serviço de enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), dirigido por Carlos Chagas, introduziu no Brasil o ensino sistematizado de enfermagem, tendo como propósito formar profissionais que garantissem o saneamento urbano. Essa capacitação estava a cargo de enfermeiras da Fundação Rockefeller e a escola recebeu o nome de Escola de Enfermagem do DNSP. Em 1926, passou a ser chamada Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) e, em 1931, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro (GALLEGUILLOS; OLIVEIRA, 2001).

A enfermagem brasileira se estruturou no modelo “hospitalocêntrico” de atenção individual e curativa e não para a saúde pública, conforme o mercado de trabalho daquela época, visto que era o início do processo de industrialização do país e os trabalhadores demandavam uma assistência médica individual (ITO, *et al.*, 2006).

A Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), fundada em 12 de agosto de 1926, inicialmente denominada Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas, desde a criação preocupou-se com a educação. Em 1945 foi criada a Divisão de Ensino de Enfermagem, posteriormente chamada Divisão de Educação, com o intuito de organizar o ensino quanto ao currículo e a duração dos estágios para a formação de enfermeiras e auxiliares de enfermagem (GALLEGUILLOS; OLIVEIRA, 2001; MEDEIROS *et al.*, 1999).

Com a prioridade de oferecer atendimento aos pacientes hospitalizados foi necessário aumentar o número de pessoal auxiliar para prestar assistência no cuidado direto ao paciente, pois as enfermeiras ficavam a cargo das atividades administrativas. Para capacitar os profissionais, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, por meio do Decreto Lei nº 10472/42, aprovou o curso de enfermeiros auxiliares. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Base de 1961 – Lei 4024/61 determinou-se a necessidade de alteração da estrutura dos cursos de auxiliares de enfermagem e a criação do curso de Técnico de enfermagem (DANTAS; AGUILLAR, 1999).

Diante do aumento desses cursos e da responsabilidade dos profissionais auxiliares e técnicos de enfermagem, as instituições de saúde constataram a necessidade desses cursos

serem ministrados por enfermeiros, pois os referidos profissionais teriam competência e domínio do conteúdo. No ano de 1968 foi regulamentada como requisito a licenciatura ou formação pedagógica para enfermeiros docentes dos cursos técnicos profissionalizantes (MAISSIAT; CARRENO, 2010).

O Ministério da Saúde vem investindo na qualificação dos profissionais de enfermagem. Faz-se oportuno citar o PROFABE (Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores na Área da Enfermagem), sendo este um projeto da Secretaria de Gestão em Investimentos em Saúde que visa não só qualificar mão de obra para atuar no cuidado direto ao paciente, mas também assegurar políticas e estratégias que garantam educação profissional de qualidade destinada aos profissionais de nível médio (FORMIGA, *et al.*, 2002).

Atualmente, muitos enfermeiros estão voltados para a docência. O aumento das escolas técnicas de enfermagem proporciona um novo mercado de trabalho. Em Belo Horizonte, segundo o COREn/MG, 2011, existem 26 Escolas de Enfermagem de nível técnico cadastradas.

Segundo Maissiat e Carreno (2010), os cursos de graduação em enfermagem são muito voltados para a assistência e, por consequência, não abordam ou abordam muito pouco as disciplinas voltadas para o exercício da docência em enfermagem. Os mesmos autores explicam que muitos enfermeiros que ingressam na docência não têm qualificação adequada e competência técnica para o exercício deste ramo da profissão.

A formação pedagógica do enfermeiro docente é essencial, visto que a prática profissional está inserida na docência. Essa exige do professor o conhecimento do conteúdo, a interação, o desenvolvimento cognitivo, habilidades, bem como a formação de atitude crítica, reflexiva, política, para o exercício na sociedade e para que o aluno possa se posicionar como um cidadão e profissional mais consciente (RODRIGUES; SOBRINHO, 2006).

O enfermeiro docente pode proporcionar ao aluno uma formação técnica, ética, reflexiva, conferindo ao cidadão a possibilidade de ser formador de seu caminho e autonomia para que ele construa seu caminho adquirindo experiência e transformando realidades sociais.

O enfermeiro docente precisa desenvolver competências que permitam uma prática pedagógica na construção do conhecimento, atuando em um currículo integrado, e que possibilite ao aluno a compreensão da ética, da política e da cultura voltada para uma assistência integral e humanizada (CARVALHO; VIANA, 2009).

Para que as escolas técnicas de enfermagem invistam na formação de docentes, faz-se necessário inicialmente conhecer o perfil deles.

Repensando a formação pedagógica dos enfermeiros, surgem as dúvidas: qual é a formação do docente de enfermagem de nível técnico? Qual é o seu perfil como docente?

Identificar o perfil dos enfermeiros que atuam na educação de nível técnico surge como uma necessidade. A partir desse estudo, as escolas de nível técnico em enfermagem terão subsídios para avaliar os profissionais que atuam em sua prática diária, incumbidos de transformar pessoas comuns em cuidadores, aptos a atuar como técnicos de enfermagem. Portanto, a escola, como formadora de opiniões, terá instrumentos reais para conhecer as características, bem como as principais fragilidades deste profissional, no que diz respeito à atuação como docente, possibilitando àquela investir em capacitação dos docentes, com consequente melhoria dos profissionais de nível técnico oferecidos ao mercado de trabalho.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo identificar o perfil socioeconômico e demográfico dos docentes de uma escola técnica de enfermagem de Belo Horizonte-Minas Gerais.

2 OBJETIVO

Identificar o perfil socioeconômico e demográfico dos docentes de uma escola técnica de enfermagem de Belo Horizonte – Minas Gerais.

3 REVISÃO DE LITERATURA

O primeiro curso de técnico de enfermagem no Brasil foi criado pela Escola Ana Néri em 1966. A regulamentação do técnico de enfermagem para o exercício profissional ocorreu somente em 1986, regulamentada pelo Decreto – 94.406/87. Até então, o profissional exercia as atividades sem conhecer as atribuições específicas. A Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, determina as atividades que devem ser exercidas pelas categorias de enfermagem (CRUZ, 2010).

Segundo o Conselho Regional de Enfermagem (COREn – MG, 1996, p.14), o exercício da atividade profissional da enfermagem “é privativo do Enfermeiro, Técnico de Enfermagem, Auxiliar de Enfermagem e Parteiro” e só será permitido ao profissional inscrito no Conselho Regional de Enfermagem da respectiva região.

De acordo com dados fornecidos pelo COREn - MG em dezembro de 2011, estão com inscrições ativas: Técnico de Enfermagem 74.577, Auxiliar de Enfermagem 35.756 e Enfermeiros 32.218.

Entretanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n. 9394/96 estabeleceu como educação profissional de nível técnico e os cursos tecnológico e técnico. Isso aconteceu com o objetivo de promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, com a intenção de promover a qualificação, capacitação, reprofissionalização e a atualização de jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicos para o exercício de atividades produtivas (MAISSIAT; CARRENO, 2010).

A LDB supracitada tem uma visão inovadora quanto ao seu enfoque, em virtude das mudanças ocorridas no sistema educativo desde a sua aprovação. A nova proposta de organização curricular para o ensino médio profissionalizante busca desenvolver junto aos profissionais competências para a educação no trabalho. Portanto, se permite que docentes desenvolvam competências específicas para trabalhar com um currículo integrado e não somente com transmissão de conteúdos de disciplinas fechadas.

Cruz (2010) descreve o conceito de competência embasada na capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Nessa perspectiva, o profissional que tem competência é aquele que articula, mobiliza valores, conhecimentos e habilidades para resoluções em diferentes atividades produtivas, sendo considerada imprescindível numa sociedade competitiva e dinâmica.

A educação dos profissionais da saúde, especialmente da enfermagem, merece maior atenção, no sentido de prepará-los para viver no mundo de rápidas transformações, em que

precisam conciliar as necessidades de desenvolvimento pessoal com as do trabalho e as da sociedade. Nesse sentido, as mudanças resultantes da globalização e dos avanços tecnológicos requerem uma enfermagem com visão mais ampla do mundo, que estabeleça parcerias e relações dentro e fora da profissão, para possibilitar o desenvolvimento de profissionais comprometidos a transformar-se e a transformar o meio em que vivem por meio de uma visão holística (FARIA; TEIXEIRA, 2009).

O PROFABE capacitou trabalhadores na área da enfermagem, possibilitando o alcance e a melhoria da qualidade da assistência. O papel do enfermeiro docente deve estar voltado para uma ação transformadora, que procura motivar os alunos no confronto com a realidade de maneira investigadora e crítica (FARIA; TEIXEIRA, 2009).

Na formação desses profissionais, o docente deve desenvolver a capacidade de problematizar, criar, valorizar e integrar o conhecimento em todas as extensões. O técnico de enfermagem deve ser envolvido no processo de assistência ao paciente, sendo um trabalhador ativo, articulador, crítico, com conhecimento e habilidades necessárias para o desempenho de suas atividades.

O processo de educação e saúde é um grande desafio para a enfermagem e um desses desafios é romper com estruturas cristalizadas e modelos de ensino tradicional. Além disso, é preciso formar profissionais de saúde com competências que lhes permitam recuperar a dimensão essencial do cuidado e a relação entre humanos (FARIA; TEIXEIRA, 2009).

Assim, percebe-se a educação como um processo dinâmico e contínuo de construção do conhecimento, por intermédio do desenvolvimento do pensamento livre e da consciência crítico-reflexiva, e que, pelas relações humanas, leva à criação de compromisso pessoal e profissional, capacitando para a transformação da realidade.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Método

Trata-se de um estudo descritivo quantitativo e transversal. Em um estudo descritivo, o objetivo é a pura descrição de um fato. A principal característica é a ausência de grupo de comparação (SOARES; SIQUEIRA, 2002). O estudo transversal fornece uma informação limitada no tempo (pontual) de uma situação. As medidas são realizadas uma única vez e no mesmo intervalo de tempo (LUNA FILHO, 1998).

São variáveis de estudo as demográficas: sexo, estado civil, idade, número de filhos, residência, grau de escolaridade, formação profissional, experiências profissionais, vínculos empregatícios, jornada de trabalho, renda mensal, motivos pela escolha da docência, disciplinas ministradas e tempo de exercício na docência.

4.2 Cenário do Estudo

O estudo foi desenvolvido em uma escola de ensino técnico, no bairro Floresta, na cidade de Belo Horizonte, fundada em 19 de junho de 2004. A referida escola possui duas filiais localizadas nas cidades de Ribeirão das Neves e Salinas, ambas em Minas Gerais, e a matriz situa-se em Belo Horizonte.

Atualmente, a escola oferece cursos técnicos em três áreas: Segurança do Trabalho, Meio Ambiente e Técnico de Enfermagem. Oferece também cursos livres na área da saúde, tais como Instrumentação Cirúrgica, Cuidados de Idosos, entre outros.

O curso Técnico de Enfermagem possui três turmas: uma no período da manhã e outras duas à noite. Todos os professores são cooperados, uma vez que a escola é uma cooperativa, totalizando quatorze profissionais que lecionam e supervisionam os estágios.

4.3 População e Amostra

Uma pesquisa de amostra por conveniência foi realizada, uma vez que se procurou entrevistar todos os docentes enfermeiros legalmente cadastrados que lecionassem nessa escola e que concordassem em participar da pesquisa, ou seja, não houve cálculo amostral.

Todos os entrevistados que concordaram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo).

A amostra foi, inicialmente, constituída por 14 enfermeiros, porém apenas 11 responderam ao questionário. Essa perda ocorreu devido ao fato de que dois docentes não pertenciam ao corpo docente da escola e um docente não foi localizado.

Dos enfermeiros que participaram da pesquisa, três docentes exerciam somente a função de supervisores de estágio. Os outros oito docentes atuavam em sala de aula, sendo que três deles também atuavam como supervisores de estágio pela escola.

4.3 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora no mês de outubro de 2011, nos horários preestabelecidos pelos entrevistados, de acordo com a disponibilidade deles. Apesar da amostragem da pesquisa não contar com um número grande de entrevistados, esse tempo foi necessário em virtude dos trâmites administrativos, tais como a formatação da carta de apresentação, autorização da direção da cooperativa, conhecimento de todos os docentes, além das dificuldades para ajustamentos de horários e deslocamento para a escola pesquisada e para os campos de estágios.

Um questionário foi aplicado para os professores (Anexo) com questões de múltipla escolha e questões abertas, com o objetivo de identificar o perfil socioeconômico e demográfico desses docentes.

4.4 Análise dos dados

Realizou-se uma análise descritiva dos dados, utilizando-se frequência absoluta e relativa para a apresentação dos dados referentes a cada uma das variáveis supracitadas. Os dados foram analisados e discutidos, amparados em literatura sobre o tema.

4.5 Aspectos Éticos

Esse projeto caracteriza-se como “braço” do projeto “ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO CEFPEPE, ofertado em 2008 nos oito polos que compõem o Sistema UAB/MEC – UFMG”. Esse projeto contempla a avaliação de docentes de enfermagem e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP, de acordo com Parecer Nº ETIC 161/ 09 (Anexo D). Os professores que concordaram em participar dessa pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

5 RESULTADOS

Os dados a seguir caracterizam o perfil socioeconômico e demográfico dos docentes da escola em questão. A seguir, encontram-se apresentados os achados do estudo na forma de tabelas e gráficos.

Em relação ao gênero, observa-se predomínio feminino, uma vez 91% do corpo docente eram mulheres e 9% eram homens, conforme mostra a Tabela 1.

TABELA 1
Gênero dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Sexo	FA	FR (%)
Feminino	10	91
Masculino	1	9
Total	11	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

No que se refere à faixa etária, observa-se que mais da metade dos docentes (55%) estava na faixa de 30 a 35 anos. Observou-se que 36% situava-se na faixa de 41 a 45 anos e apenas 9% tinha menos de 30 anos (Tabela 2).

TABELA 2
Faixa etária dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Faixa Etária	FA	FR (%)
< 20 anos	0	0
20 - 25 anos	0	0
26 - 30 anos	1	9,1
31 - 35 anos	6	54,5
35 - 40 anos	0	0
41 - 45 anos	4	36,4
46 - 50 anos	0	0
> 50 anos	0	0
Total	11	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Quanto ao estado civil, a maioria (54,5%) dos docentes era casada, ou seja, tinham família constituída, 36,3% eram solteiros e 9% eram divorciados, conforme apresenta a Tabela 3.

TABELA 3
Estado civil dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Estado Civil	FA	FR (%)
Solteiro	4	36,4
Divorciado	1	9,1
Casado	6	54,5
Viúvo (A)	0	0
Total	22	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

O número de filhos por docente apresentou-se variado, sendo que 55% desses tinham de um a três filhos e 45% não tinham filhos. Destaca-se que não foram detectados docentes com mais de três filhos, conforme ilustrado na Tabela 4.

TABELA 4
Número de filhos dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Número de Filhos	FA	FR (%)
Nenhum filho	5	45,5
1 a 3 filhos	6	54,5
Mais de 3 filhos	0	0
Total	33	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Em relação à escolaridade de nível técnico, 73% dos docentes não apresentavam essa formação. No entanto 27% informaram possuir o curso de técnico de enfermagem anterior à graduação, dado sugestivo de que estes tinham maior experiência na área de enfermagem. Ressalta-se que três docentes ainda atuavam como técnicos de enfermagem em instituições de saúde. Esses achados estão pontuados na Tabela 5.

TABELA 5
Escolaridade dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

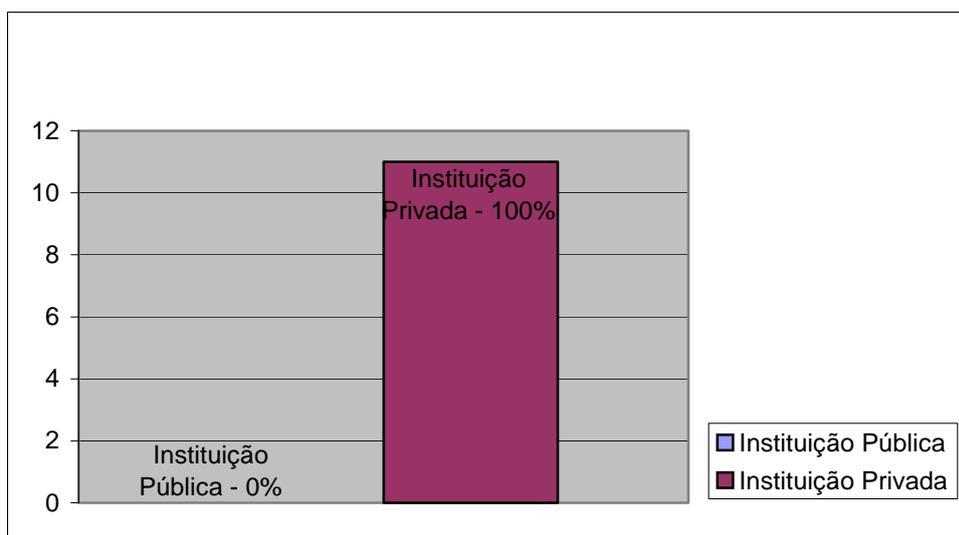
Escolaridade - Nível Técnico	FA	FR (%)
Não	8	72,7
Sim - Técnico de Enfermagem	3	27,3
Total	44	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

No que se refere à instituição de realização do Curso de Graduação em Enfermagem, observa-se que 100% estudaram em instituições particulares (Gráfico 1). Lembra-se o

aumento de escolas de graduação em enfermagem na rede particular, nos últimos anos, em Minas Gerais.

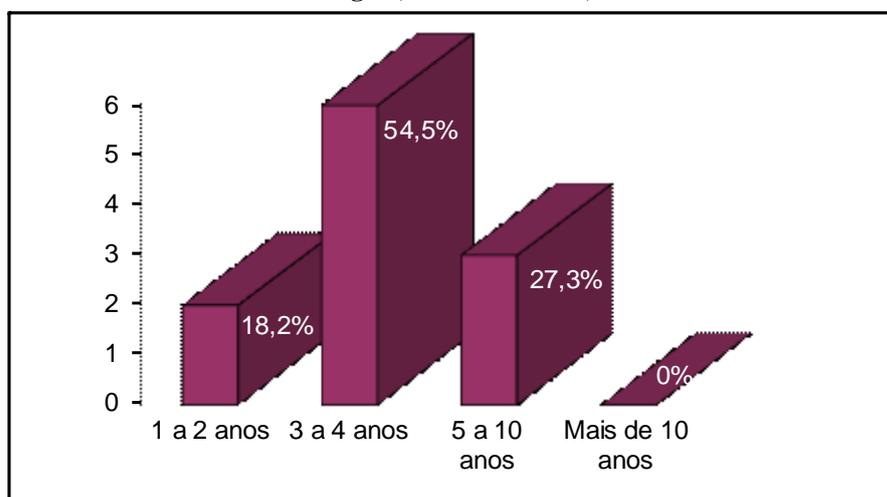
GRÁFICO 1– Graduação em Enfermagem dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

No que tange ao tempo de formado, a maioria dos docentes (54,5%) tinha de três a quatro anos de formado, 27,3% de cinco a dez anos, 18,2% de um a dois anos de formado. Destaca-se que não havia docentes com tempo de formação acima de 10 anos (Gráfico 2). Lembra-se que a maioria estava na faixa etária de 31 a 35 anos ainda que formados há pouco tempo.

GRÁFICO 2 – Tempo de Formado dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Em relação ao curso especialização, Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem - CEFPEPE, quase (82%) dos docentes não realizaram essa especialização. No entanto, 18,2% estavam cursando entre o 9º ao 11º módulo (Tabela 6).

TABELA 6
Especialização CEFPEPE dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

CEFPEPE	FA	FR (%)
1º ao 4º módulo	0	0,0
5º ao 8º módulo	0	0,0
9º ao 11º módulo	2	18,2
Não faz essa especialização	9	81,8
Total	11	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Em relação à realização de pós-graduação *lato sensu*, 36,4% dos docentes concluíram especialização, 27,2% estavam com a especialização em andamento e 36,4% ainda não haviam iniciado qualquer especialização. Este dado encontra-se na Tabela 7.

TABELA 7
Pós-graduação *lato sensu* dos docentes e uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Pós-graduação <i>lato sensu</i>	FA	FR (%)
Não	4	36,4
Em Andamento	3	27,3
Concluído	4	36,4
Total	11	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

No que se refere à pós-graduação *stricto sensu*, 81,8% dos docentes ainda não haviam ingressado em cursos de mestrado, porém 18,2% estavam cursando a modalidade de pós-graduação, o que indica interesse no aprimoramento da docência. Não houve docentes com mestrado concluído (Tabela 8).

TABELA 8
Pós-graduação *stricto sensu* dos docentes entrevistados de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Pós-graduação <i>stricto sensu</i>	FA	FR (%)
Não	9	81,8
Em Andamento	2	18,2
Concluído	0	0
Total	11	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Quanto à experiência profissional dos docentes, a maioria afirmou ter experiência em instituições hospitalares, seja no presente ou no passado. Apenas (1%) dos docentes relatou ter experiência em clínica especializada. Nessa tabela não se utilizou a frequência relativa devido ao fato de que, em algumas situações, o mesmo docente informou duas respostas, conforme tabela a seguir.

TABELA 9
Experiências Profissionais em Serviço de Saúde dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Serviço de Saúde	Atual	Passado
Hospital	6	6
Clínica Especializada	1	0
Atenção Básica	4	6
Outros	3	1

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Sobre a experiência em instituições de ensino, mais de 27% declararam que tinham experiência em outras instituições de ensino, sendo dois em nível superior e um em ensino médio. Esse dado encontra-se apresentado na próxima tabela.

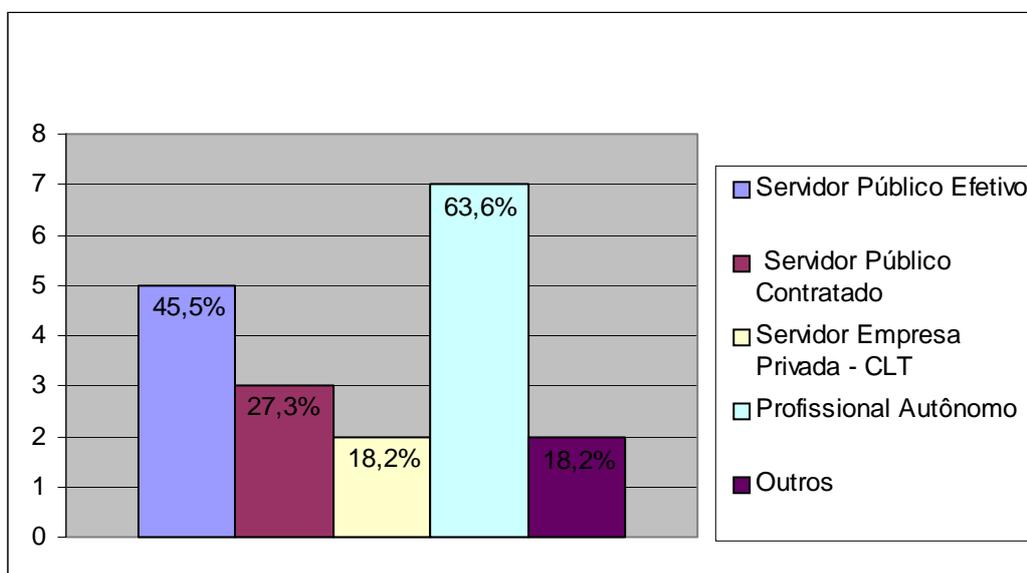
TABELA 10
Experiências Profissionais em Instituição de Ensino dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Instituição de Ensino	Atual	Passado
Nível Médio	11	1
Nível Superior	2	2
Outros	1	0

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Quanto aos vínculos empregatícios, a maioria dos docentes (63,6%) era constituída por profissionais autônomos. Destaca-se que mais de 45,5% eram servidores públicos efetivos, 27,3% servidores públicos contratados, 18,2% funcionários de empresa privada. Ressalta-se que 18,2% ainda tinham outros vínculos, como ilustrado no gráfico abaixo.

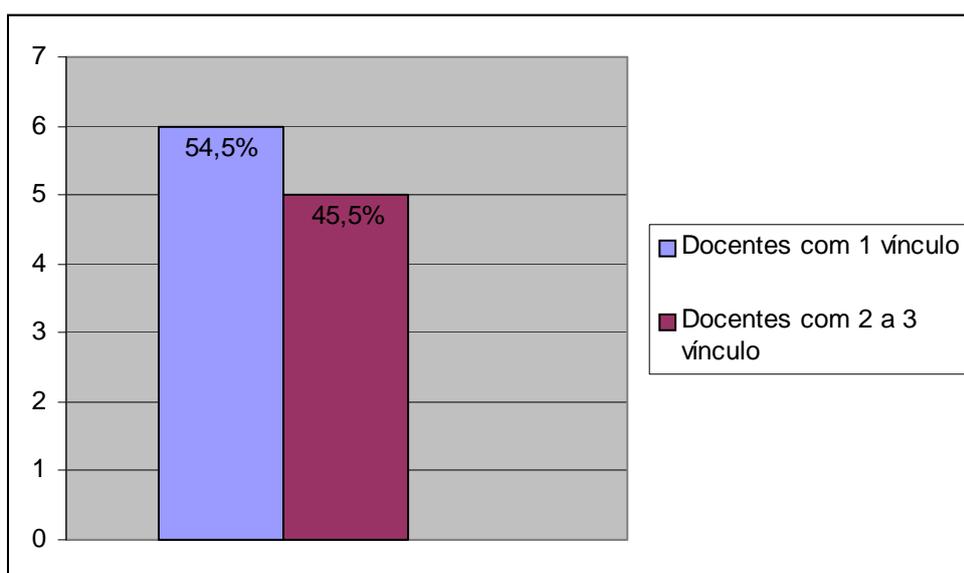
GRÁFICO 3 – Vínculos Empregatícios dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Em relação ao número de vínculos empregatícios, 54,5% dos docentes informaram ter um vínculo empregatício e 45,5% afirmaram ter de dois a três vínculos, como apresentado no gráfico a seguir.

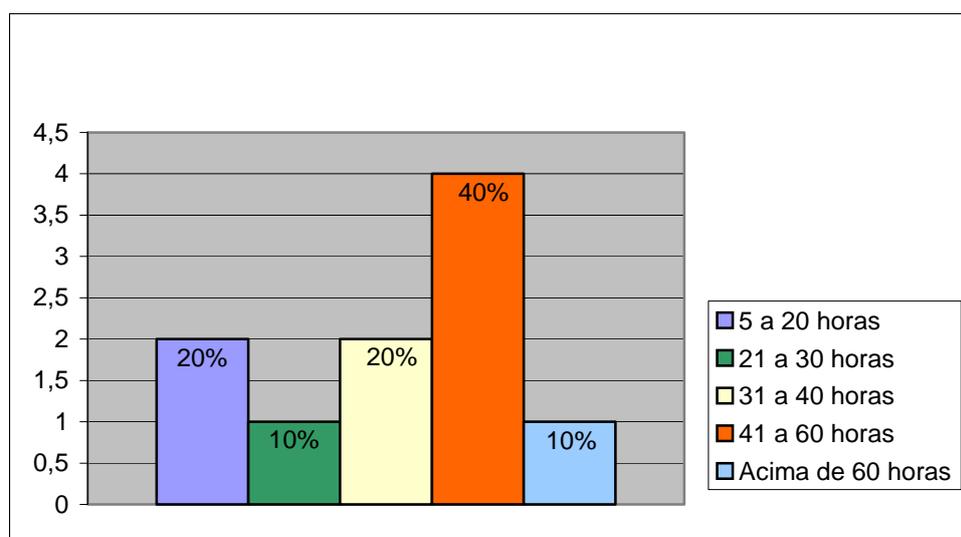
GRÁFICO 4 – Número de Vínculos Empregatícios dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

No tocante à jornada de trabalho semanal, a maioria dos docentes (40%) trabalhava de 41 a 60 horas semanais, o que pode ser considerado exaustivo; 20% cumpriam jornada de cinco a 20 horas semanais; 20% de 31 a 40 horas; 10% de 21 a 30 horas e 10% responderam que trabalhavam acima de 60 horas semanais. Esse dado é sugestivo de que a qualidade do trabalho pode estar comprometida (Gráfico 5).

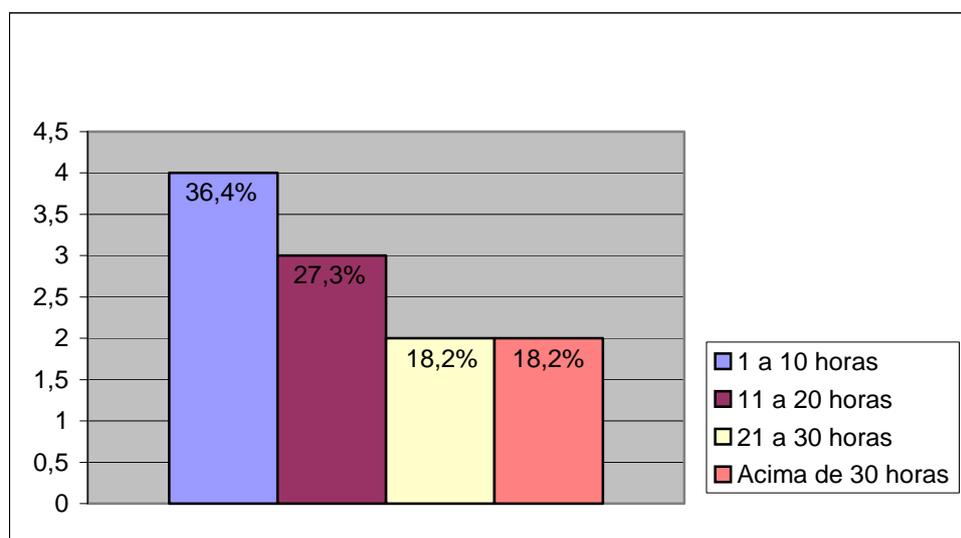
GRÁFICO 5 – Jornada de Trabalho Semanal dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Questionou-se também a carga horária semanal dedicada exclusivamente à docência. Dos docentes questionados, 36,4% trabalhavam de uma a 10 horas semanais; 27,3% de 11 a 20 horas; 18,2% de 21 a 30 horas e 18,2% responderam que trabalhavam acima de 30 horas semanais, conforme apresentado no Gráfico 6.

GRÁFICO 6 – Carga Horária Docente Semanal dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

A renda mensal é um dado imperativo na construção do perfil socioeconômico dos trabalhadores. Destacamos que 45,4% dos docentes responderam que recebiam acima de dois a quatro salários mínimos, 18,2% de quatro a seis salários mínimos e 18,2% acima de oito salários mínimos. Destaca-se que mais de 18% recebiam de um a dois salários mínimos. Esse dado encontra-se ilustrado na Tabela 11.

TABELA 11

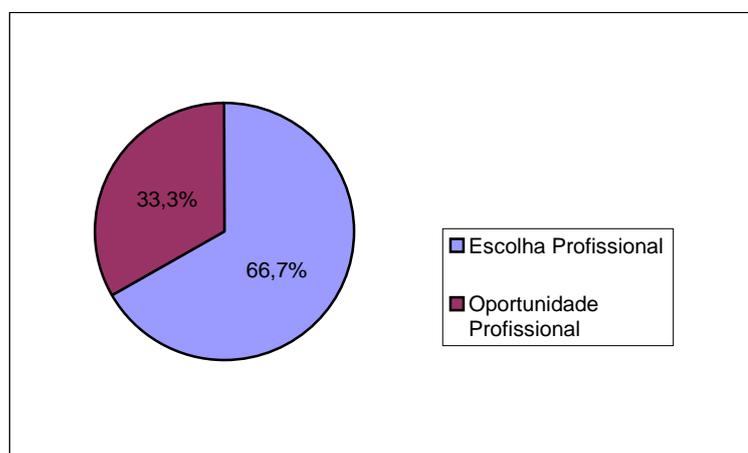
Renda Mensal dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Renda Mensal	FA	FR (%)
1 a 2 Salários Mínimos	2	18,2
>2 a 4 Salários Mínimos	5	45,5
>4 a 6 Salários Mínimos	2	18,2
> 6 a 8 Salários Mínimos	0	0
> 8 Salários Mínimos	2	18,2
Total	11	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Quanto à escolha/oportunidade da atividade na docência, a maioria dos docentes (66,7%) respondeu que foi uma opção profissional. Porém mais de 33% responderam tratar-se de uma oportunidade profissional (Gráfico 7).

GRÁFICO 7 – Escolha/Oportunidade da Atividade Docente dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

Sobre o exercício na docência, mais da metade dos docentes (54,5%) respondeu que o tempo de exercício estava entre 12 a 36 meses, 18,2% de seis a 12 meses, 18,2% acima de 60 meses e mais de 9% dos docentes responderam estar exercendo a atividade de 36 a 60 meses. Deve-se refletir sobre esse dado, uma vez que a maioria tem experiência inferior a 36 meses (Tabela 12).

TABELA 12
Tempo de Exercício da Docência dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem; Belo Horizonte, 2011.

Tempo de Exercício da Docência	FA	FR (%)
6 a 12 meses	2	18,2
>12 a 36 meses	6	54,5
>36 a 60 meses	1	9,1
> 60 meses	2	18,2
Total	11	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora em 2011.

5 DISCUSSÃO

Em relação ao gênero, a maioria absoluta dos docentes pertencia ao gênero feminino. Cumpre destacar que a enfermagem ainda é exercida majoritariamente por mulheres, o que certamente influenciou esse dado. Coelho (2005), entretanto, pondera que, apesar de haver uma afinidade histórica das mulheres com o cuidar, é reconhecido que preconceitos de gênero restringiram a participação dos homens na profissão.

No que se refere à faixa etária, 55% estavam na faixa etária de 31 a 35 anos, dado que coincide com os achados de Friedlander e Moreira (2006) que, pesquisando o perfil de um grupo de professores de curso técnico de enfermagem, constataram que a maioria estava na faixa anterior aos 40 anos.

Em relação ao estado civil dos docentes, a maioria (54,5%) é casada, o que sugere que têm alguma estabilidade familiar. Isto é, eles estão inseridos em um núcleo conjugal, o que implica em responsabilidades social e financeira.

Dos entrevistados estudados 27% informaram que fizeram o curso técnico de enfermagem e que atuam como técnicos em algumas instituições de saúde por serem funcionários públicos, paralelamente à atuação na escola em questão. Cruz (2010) corrobora com o resultado quando descreve que alguns técnicos, após a conclusão do curso de graduação em enfermagem, permanecem com a ocupação de nível médio em instituições públicas, devido à questão salarial, uma vez que ela é considerada diferenciada em relação a outras instituições de saúde.

Verificou-se que quase a metade dos docentes tem até três vínculos empregatícios com funções diferentes, isto é, acumulam as funções de enfermeiro assistencial e de docente, às vezes mantendo o cargo de técnico de enfermagem nas instituições de saúde. Considera-se que essas questões são merecedoras de pesquisas primárias que elucidem as constatações.

De acordo com o resultado sobre o tempo de formado na graduação, 54,5% apresenta um tempo de formação de três a quatro anos, o que significa menor tempo de experiência profissional. Segundo Junior (2008), não se pode afirmar que ter maior tempo de formação é o mesmo que ser um profissional mais experiente ou apresentar melhor desempenho na docência. A princípio, isso é visto como um fator positivo, uma vez que confere maior segurança para as ações educativas. No entanto, é relevante destacar que somente ter a experiência profissional não é o suficiente, porque por si só não assegura o desempenho do docente se o exercício da docência não for desenvolvido atrelado à reflexão da prática.

Observa-se que todos os docentes se graduaram em instituições particulares. De acordo com a literatura, segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2006), há uma crescente expansão de cursos de graduação em enfermagem na rede particular de ensino expressando preocupação em relação à garantia da qualidade do ensino e do futuro dessa profissão.

O COREn MG (2011) informa que na cidade de Belo Horizonte existem cadastradas 15 faculdades particulares e uma universidade pública que oferecem curso de graduação em enfermagem. Consideram-se esses achados preocupantes, pois eles sugerem o risco de queda da qualidade do ensino em enfermagem em Minas Gerais.

Chamou-nos a atenção os dados referentes à frequência dos docentes nos cursos de especialização, na medida em que 36,4% deles afirmaram já ter concluído uma especialização e outros 36,4% ainda não o fizeram. Para Vargas; Luz (2010), nos últimos anos, tem se exigido da enfermagem uma atuação extremamente crítica e complexa, o que implica na busca de conhecimentos mais específicos. A especialização proporciona ao profissional enfermeiro situações referentes ao conhecer, estudar e aprimorar os conhecimentos sobre determinado assunto em que se torna um especialista, ou seja, um *expert* em determinada área.

Quanto à realização de mestrado, apenas 18,2% dos enfermeiros questionados está cursando pós-graduação *stricto sensu*. Secaf; Kurcgant (1999) acreditam que a distribuição geográfica e o baixo quantitativo de programas de mestrado dificultam o acesso de enfermeiros à referida modalidade. Porém esses autores informaram que a região com maior oferta de cursos de mestrado em enfermagem é a região sudeste.

Em relação à licenciatura em enfermagem, formação pedagógica ou docência para a educação profissional de nível técnico, considera-se preocupante o fato de que 81,8% dos questionados afirmaram não possuir nenhuma formação e apenas 18,2% informaram estar cursando uma especialização na área de formação pedagógica.

Vale destacar que esta pesquisa faz parte do Curso de Especialização em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área da Saúde: Enfermagem – CEFPEPE, ofertado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e o Ministério da Educação (MEC). O Ministério da Saúde, por meio do PROFAE, teve como meta oferecer uma especialização *lato sensu* de Formação Pedagógica em Educação Profissional na área da saúde especificamente para os enfermeiros que estavam atuando como docentes, pois o objetivo era formar profissionais com capacidade crítica e emancipadora, com um fazer pedagógico consciente e sem autoritarismo (FARIA; TEIXEIRA, 2009).

Maissiat e Carreno (2010) corroboram com esse resultado quando afirmam que muitos enfermeiros, após conclusão do curso, iniciam o exercício da profissão em escolas profissionalizantes, onde ministram aulas sem conhecimento específico e sem vivência das práticas pedagógicas. Poucos possuem títulos de licenciatura ou formação pedagógica. Esses autores, referenciando Secaf (1987) relembram que em 1968 foi estabelecida a licenciatura ou formação pedagógica como condição para os enfermeiros atuarem como docentes do ensino profissionalizante de enfermagem.

Também Junior (2010) discute essa temática, afirmando que a formação do enfermeiro não é voltada para a docência e sim para a atuação da prática profissional. Portanto, a formação pedagógica em educação profissional é importante para o exercício da docência, uma vez que o enfermeiro educador deve estar voltado para uma prática transformadora e não somente transmissora. Ele deve proporcionar aos seus alunos o autoquestionamento para que possam construir o próprio conhecimento e para defrontar-se com a realidade profissional de maneira investigatória, crítica e emancipadora.

Em relação à jornada de trabalho, à remuneração e à opção pela docência, os docentes citaram possuir outros vínculos empregatícios. A maioria é constituída por autônomos com jornadas de trabalhos acima de 40 horas semanais e salários que variam de dois a quatro salários mínimos.

Esses achados reiteram a questão de que os enfermeiros trabalham em várias instituições, assumindo cargas horárias altas e recebendo baixos salários. Maissiat; Carreno (2010) afirmam que o número de enfermeiros na docência dos cursos técnicos apresenta um crescimento contínuo, seja por vocação, por oportunidade profissional ou para aumentar a renda mensal, uma vez que a maioria dos enfermeiros docentes possui dois empregos e trabalha em hospitais e escolas. A docência nos cursos técnicos de enfermagem acaba sendo uma atividade secundária para aumentar os rendimentos, pois, devido aos baixos salários, esses enfermeiros buscam mais de um vínculo empregatício.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propiciou identificar o perfil dos docentes de um curso técnico de enfermagem de Belo Horizonte, uma vez que há várias escolas que oferecem o curso profissionalizante.

Os dados evidenciam que a grande maioria dos enfermeiros pesquisados era do sexo feminino, na faixa etária entre 31 a 35 anos e com um período de formação entre três e quatro anos. Nenhum dos questionados possuía mais de 10 anos de atuação na docência, sugerindo que se trata de um grupo com pouca experiência profissional. Porém 36,4% já haviam concluído uma especialização e nenhum havia concluído o mestrado. Vale destacar que 18,2% estavam cursando especialização na área pedagógica para enfermagem.

Os dados sugerem que muitos enfermeiros docentes trabalham em mais de uma instituição com carga horária acima de 40 horas e salários baixos, o que nos faz refletir se a docência não é exercida como uma segunda opção para complemento de renda ou por falta de oportunidade profissional no mercado de trabalho.

A partir dos resultados, observa-se que os enfermeiros que atuam como docentes do curso técnico de enfermagem não têm formação em licenciatura ou pedagogia. Considera-se que lecionar não é simplesmente transmitir experiência e conhecimentos aos alunos. Lecionar é uma prática que implica na construção de análises críticas, reflexivas, inovadoras e transformadoras.

Por fim, cabe assinalar que este estudo propiciou destacar a importância da formação mais específica dos enfermeiros que atuam como docentes em curso técnico de enfermagem. Sugere-se mais estudos primários que reforcem esses achados no sentido de desvelar a real situação do docente do curso técnico de enfermagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Saúde. **Empregabilidade e Trabalho dos Enfermeiros no Brasil-Relatório Final**. Rio de Janeiro, nov. 2006. Artigo disponível no portal: http://www.observarh.org.br/observarh/repertorio/Repertorio_ObservaRH/IMS-UERJ/Empregabilidade_trabalho.pdf.
- CARVALHO, R. S; VIANA, L. de O. **La formação do enfermeiro docente do ensino médio profissionalizante na relação com o princípio de interdisciplinaridade**. Rev. Eletrônica de Enfermagem Enfermería Global (on line), Goiânia, v.1, n.15, p. 1-14, fev. 2009. Artigo disponível no portal: http://scielo.isciii.es/pdf/eg/n15/pt_docencia2.pdf.
- COELHO, E. A. C. **Gênero, saúde e enfermagem**. Rev. Bras. Enferm, Brasília, 58(3): 345-348, 2005.
- COREN, C. R. E. **Escolas autorizadas**. Belo Horizonte, dez 2011. Disponível no portal: <http://www.corenmg.gov.br>.
- CRUZ, A. M. P.; ALMEIDA, M. A. **Competências na formação de Técnicos de Enfermagem para implementar a Sistematização da Assistência de Enfermagem**. Rev. Esc. Enferm. USP, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 921-7, 2010. Artigo disponível no portal: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n4/09.pdf>.
- DANTAS, R. A. S.; AGUILLAR, O.M. **O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem brasileira**. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 25-32, abril 1999. Artigo disponível no portal: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n2/13458.pdf>
- FARIA, L. M. P.; TEIXEIRA, M. E. M. **A prática pedagógica, relação professor/aluno na visão dos auxiliares de enfermagem PROFAE/ Goiânia**. Rev. Enfermagem Atual, Rio de Janeiro, a. 9, n. 53, p.22-23, set-out. 2009.
- FRIEDLANDER MR, MOREIRA MTA. **Formação do enfermeiro: características do professor e o sucesso escolar**. Rev Bras Enferm, Brasília, vol. 59, n. 1, p. 9-13, jan-fev. 2006.
- FORMIGA, J. M. M et al. **Perfil do enfermeiro/aluno do curso de especialização – PROFAE/ RN**. Rev. Eletrônica (on line), Rio Grande do Norte. p. 1-21, jan 2002. Artigo disponível no portal: http://www.observatorio.nesc.ufrn.br/perfil_t05.pdf
- GALLEGUILLOS, T. G; OLIVEIRA, M. A. **A gênese e o desenvolvimento histórico de ensino em enfermagem no Brasil**. Rev Esc Enf USP. v. 35, n. 1, p. 80-87, mar. 2001. Artigo disponível no porta: <http://www.swww.scielo.br/pdf/reeusp/v35n1/v35n1a12.pdf>
- ITO, E. E et al. **O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade**. Rev Esc Enf USP. v. 40, n. 4, p.570-75, 2006. Artigo disponível no portal: <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/291.pdf>

JÚNIOR, M. A. F. **Os reflexos da formação inicial na atuação dos professores enfermeiros.** Rev. Bras Enferm. Brasília, v. 61, n. 6, p.866-71, nov-dez. 2008. Artigo disponível no portal: <http://www.scielo.br/pdf/rebenv61n6a12v61n6.pdf>.

LUNA FILHO. B. **Sequência básica na elaboração de protocolos de pesquisas.** Arq. Bras. Cardiol. V.71, n.06, 1998

MAISSIAT, G. S.; CARRENO, I. **Enfermeiros docentes do ensino técnico em enfermagem: uma revisão integrativa.** Rev. Eletrônica Destaques acadêmicos (on line), Rio Grande do Sul, v. 2, n. 3, p.69-80, 2010. Artigo disponível no portal: <http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/viewFile/121/79>

MEDEIROS, M.; TIPPLE, A. C. V; MUNARI, D. B. **A expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX.** Rev. Eletrônica de Enfermagem (on line), Goiânia, v.1, n.1, out – dez. 1999. Artigo disponível no site: www.revistas.ufg.br

RODRIGUES, M. T. P.; SOBRINHO, J. A. C. M. **Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica.** Rev Bras Enferm v. 59, n. 3, p.456-9, maio-jun. 2006. Artigo disponível no portal: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n4/a19.pdf>

SOARES, J. F; SIQUEIRA. A. L. **Introdução à estatística médica.** Belo Horizonte: COOPMED, 2002.

SECAF, V.; KURCGANT, P. **Doutores e doutorandos em enfermagem: motivos do mestrado em outras áreas.** Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 5-10, jan 1999. Artigo disponível no portal: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n1/13443.pdf>

VARGAS, M. A. O.; LUZ, A. M. H. **Práticas seguras do/no cuidado de enfermagem no contexto hospitalar: é preciso pensar sobre isso e aquilo.** Rev. Enfermagem em Foco, Brasília, v.1, n.1, p. 23-27, maio 2010.

APÊNDICE – CATEGORIZAÇÃO DA PLANILHA DE VARIÁVEIS

SEXO	1 - Masculino	2 – Feminino						
RELIGIÃO	1 – Católico	2 – Espírita	3 – Evangélico	4 – Outros				
ESTADO CIVIL	1 – Solteiro	2 – Divorciado	3 – Casado	4 - Viúvo (a)				
IDADE	1 – < 20 anos	2 – 20 a 25 anos	3 – 26 a 30 anos	4 – 31 a 35 anos	5 – 35 a 40 anos	6 - 41 a 45 anos	7 - 46 a 50 anos	8 - > 50 anos
Nº DE FILHOS	1 - 0	2 - 1 a 3	3 - Mais de 3					
RESIDÊNCIA	1 - Própria	2 - Alugada	3 - Cedida					
RECURSOS NA RESIDÊNCIA	1 - Telefone	2 - Celular	3 - Computador	4 - Internet	5 - Fax	6 - TV	7 - Jornais revistas	
ESCOLARIDADE	Nível Fundamental	1 - Regular	2 - Supletivo					
	Nível Médio	1 - Regular	2 - Supletivo					
FORMAÇÃO PROFISSIONAL (Nível Técnico)	1 - Não	2 - Sim						
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM	1 - Instituição Pública	2 - Instituição Privada						

ANO DE FORMATURA	1 - 0 a 2 anos (2009 a 2011)	2 - 3 a 4 anos (2007 a 2008)	3 - 5 a 10 anos (2001 a 2006)	4 - > 10 anos (< 2001)				
OUTRO CURSO DE GRADUAÇÃO	1 - Não	2 - Sim	3 - Concluído	4 - Em andamento				
PÓS GRADUAÇÃO CEFPEPE	1 - 1º ao 4º Módulo	2 - 5º ao 8º Módulo	3 - 9º ao 11º Módulo	4 - Não fez essa especialização				
OUTRA ESPECIALIZAÇÃO	1 - Não	2 - Em andamento	3 - Concluído					
MESTRADO	1 - Não	2 - Em andamento	3 - Concluído					
EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS	SERVIÇOS DE SAÚDE	Hospital	1 - Atual	2 - Passado				
		Clínica Especializada	1 - Atual	2 - Passado				
		Atenção Básica	1 - Atual	2 - Passado				
		Outros	1 - Atual	2 - Passado				
EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	Nível Médio	1 - Atual	2 - Passado				
		Nível Superior	1 - Atual	2 - Passado				
		Outros	1 - Atual	2 - Passado				
VÍNCULOS EMPREGATÍCIOS	1 - Servidor Público	2 - Servidor Público	3 - Servidor Empresa Privada	4 - Profissional Autônomo	5 - Outros			

	Efetivo	Contratado	- CLT					
JORNADA DE TRABALHO SEMANAL (HORAS)	1 - 5 a 20 horas	2 - 21 a 30 horas	3 - 31 a 40 horas	4 - 41 a 60 horas	5 - Acima de 60 horas			
CARGA HORÁRIA DOCENTE SEMANAL (HORAS)	1 - 1 a 10 horas	2 - 11 a 20 horas	3 - 21 a 30 horas	4 - > 30 horas				
RENDA MENSAL (SALÁRIO MÍNIMO - SM)	1 - 1 a 2 SM	2 - > 2 a 4 SM	3 - > 4 a 6 SM	4 - > 6 a 8 SM	5 - > 8 SM			
A ATIVIDADE DOCENTE FOI	1 - Uma escolha profissional	2 - Uma oportunidade profissional						
TEMPO DE EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA	1 - 6 a 12 meses	2 - > 12 a 36 meses	3 - > 36 a 60 meses	4 - > 60 meses				

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nós, coordenadores, professores e alunos do Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem (CEFPEPE) estamos desenvolvendo a pesquisa “Análise da implementação do CEFPEPE, ofertado em 2008, nos oito Pólos que compõem o sistema UAB/MEC/UFMG”.

O objetivo central deste estudo é avaliar a implantação e implementação da formação pedagógica dos enfermeiros, desenvolvida na modalidade de educação à distância (EAD) e realizada nos Pólos de atuação da UAB/MEC/UFMG. Compõem esta pesquisa, entre outros temas os seguintes:

- 1 - Perfil do aluno do CEFPEPE;
- 2 - Percepção do aluno do CEFPEPE sobre o curso à distancia;
- 3 - Perfil do tutor do CEFPEPE;
- 4 - Perfil do aluno do curso técnico em enfermagem;
- 5 - Perfil do professor de cursos técnico de enfermagem.
- 6 - Perfil do candidato ao CEFPEPE, turma 2010.

Estes temas constituíram também Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de alunos do CEFPEPE.

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG – Parecer nº. ETIC 161/2009. Embora não haja benefícios diretos para a sua participação nesta pesquisa, ela oferecerá a você a oportunidade contribuir com a produção do conhecimento científico em enfermagem.

Sua participação nesta pesquisa implicará em responder os questionários que lhe serão apresentados por membros da pesquisa. Todas as informações obtidas de você permanecerão confidenciais. Sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária e sua decisão de não participar não terá qualquer implicação para você. Todos os procedimentos da pesquisa não trarão qualquer risco a sua vida ou a sua saúde.

Caso você tenha, ainda, alguma outra dúvida em relação à pesquisa, ou quiser desistir em qualquer momento, poderá comunicar-se pelo telefone abaixo.

Coordenadora do Projeto: Zídia Rocha Magalhães

Fone (31)2555-3429 / (31) 3409-9170 E-mail: zidia@ufmg.br.

Escola de Enfermagem da UFMG - Av. Alfredo Balena, 190 – Sala 100B – Santa Efigênia.
COEP-UFMG: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005 – CEP: 31.270-901 – BH-MG – Telefax (31) 3409-4592 e-mail:coep@prpq.ufmg.br .

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa: “Análise da implementação do CEFPEPE, ofertado em 2010, nos oito Pólos que compõem o sistema UAB-MEC/UFMG” e concordo em participar da mesma respondendo o questionário a mim enviado.

_____, _____ de _____ de 20____.

Assinatura: _____

RG: _____

ANEXO B - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Perfil do Professor de Curso Técnico de Enfermagem

<i>Perfil do Professor de Curso Técnico de Enfermagem</i>	
QUESTIONÁRIO Nº _____	
1 – Sexo:	<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino
2 – Religião:	<input type="checkbox"/> Católico <input type="checkbox"/> Espirita <input type="checkbox"/> Evangélico <input type="checkbox"/> Outros
3 – Estado Civil:	<input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Viúvo (a)
4 – Idade:	<input type="checkbox"/> < 20 <input type="checkbox"/> 20 – 25 <input type="checkbox"/> 26 – 30 <input type="checkbox"/> 31 – 35 <input type="checkbox"/> 35 – 40 <input type="checkbox"/> 41 – 45 <input type="checkbox"/> 46 – 50 <input type="checkbox"/> > 50
5 – Número de Filhos:	<input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 a 3 <input type="checkbox"/> Mais de 3
6 – Residência:	<input type="checkbox"/> Própria <input type="checkbox"/> Alugada <input type="checkbox"/> Cedida
7 – Recursos na residência:	<input type="checkbox"/> Telefone Fixo <input type="checkbox"/> Telefone Celular <input type="checkbox"/> Computador <input type="checkbox"/> Acesso à Internet <input type="checkbox"/> Fax <input type="checkbox"/> Televisão <input type="checkbox"/> Assinatura de Jornais/Revistas
8- Escolaridade:	8.1 Nível fundamental- <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> supletivo 8.2 Nível médio - <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> supletivo 8.2 Nível de graduação <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Especifique: _____
9 – Formação Profissional:	9.1 Nível Técnico: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim Especifique: _____ 9.2 Graduação em Enfermagem: <input type="checkbox"/> Instituição Pública <input type="checkbox"/> Instituição Privada Ano de Formatura: _____ 9.3 Outro curso de graduação: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim Especifique _____ <input type="checkbox"/> Concluído <input type="checkbox"/> Em Andamento
9.4 Pós-Graduação:	9.4.1 Especialização CEPPEPE (último módulo concluído): _____ 9.4.2 Outra Especialização: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Concluído <input type="checkbox"/> Em Andamento 9.4.3 Mestrado: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Concluído <input type="checkbox"/> Em Andamento 9.4.5 Outros: Especifique: _____ _____ _____ _____

Perfil do Professor de Curso Técnico de Enfermagem (Continuação)

10 - Marque no quadro abaixo as alternativas que expressam suas experiências profissionais no momento atual e no passado.
Por gentileza faça seus comentários dentro do quadro abaixo.

ÁREA	TIPO DE SERVIÇO	ATUAL	ESPECIFICAR FUNÇÃO	NO PASSADO	ESPECIFICAR FUNÇÃO
SERVIÇO DE SAÚDE	Hospital	[]	_____	[]	_____
	Clínica Especializada	[]	_____	[]	_____
	Atenção Básica	[]	_____	[]	_____
	Outros	[]	_____	[]	_____
INSTITUIÇÃO DE ENSINO	Nível Médio	[]	_____	[]	_____
	Nível Superior	[]	_____	[]	_____
	Outros	[]	_____	[]	_____
OUTRAS ÁREAS ESPECIFICAR	1-	[]	_____	[]	_____
	2-	[]	_____	[]	_____

11 – Complete o quadro abaixo com o nome das cidades para informar sobre os seus deslocamentos para ir da residência ao trabalho e à Escola Técnica de Enfermagem.
Por gentileza faça seus comentários dentro do quadro abaixo.

RESIDÊNCIA	TRABALHO	ESCOLA TÉCNICA DE ENFERMAGEM

12. Experiência Profissional (onde já trabalhou):

13. Vínculo(s) Empregatício(s)/Emprego(s) Atual(is):

[] Servidor Público Efetivo [] Servidor Público Contratado [] Servidor Empresa Privada - CLT
 [] Profissional Autônomo
 [] Outros _____

Jornada De Trabalho Semanal _____

Renda Mensal: Em salários mínimos _____ R\$ _____

A atividade docente foi:

[] uma escolha profissional [] uma oportunidade profissional [] outros _____

Disciplina(s) Ministrada(s): _____

Característica(s) da(s) disciplina(s) ministrada(s) [] Teórica [] Prática

Carga Horária Docente Semanal: _____

Tempo de Exercício da docência: _____

Obrigada por sua colaboração!

ANEXO C - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Parecer nº. ETIC 161/09

Interessado(a): Profa. Zidia Rocha Magalhães
Departamento de Enfermagem Básica
Escola de Enfermagem - UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 03 de agosto de 2011, a emenda abaixo relacionada, referente ao projeto de pesquisa intitulado **"Análise da implementação do Curso de Formação Pedagógica de Educação Profissional na Área de Saúde: enfermagem – CEFPEPE, ofertado em 2008, nos oito pólos que compõem o Sistema UAB/UFMG"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

- o Emenda que prevê a inclusão de novos sujeitos de pesquisa (Turma 2010) e acréscimo do item 6 no "Perfil do Candidato CEFPEPE.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

Profa. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG